

A indústria de transformação no Sul de Minas Gerais, 1907-1937¹

Michel Deliberali Marson

Professor da UNIFAL-MG, doutor em Economia FEA-USP²

Marcela Busnello

Aluna do bacharelado em Ciência e Economia da UNIFAL-MG

Luciano Castro

Aluno do bacharelado em Ciência e Economia da UNIFAL-MG

Resumo:

O objetivo do artigo é estudar a indústria de transformação em Minas Gerais em seus aspectos regionais e históricos, tendo como foco a região do Sul de Minas Gerais entre 1907 e 1937. O trabalho analisará a evolução da indústria de transformação em um período de formação industrial na região. O artigo trata de uma parte da indústria geralmente pouco estudada pela literatura para entender sua evolução no contexto regional, identificando sua importância para a economia local. A explicação para a incipiente indústria no Sul de Minas Gerais no início do século XX pode ser resgatada da determinação econômica da região no século XIX, ligada a uma economia para o atendimento de um mercado local ou regional.

Palavras-chave: indústria, região Sul, Minas Gerais

Área Temática: História Econômica e Demografia Econômica

¹ Trabalho desenvolvido junto ao PIEPEX (Programa Integrado de Ensino, Pesquisa e Extensão) da UNIFAL-MG. Agradecemos a Paulo Bragança no auxílio para a construção dos bancos de dados.

² E-mail: michelmarson@yahoo.com.br

1. Introdução

Os trabalhos sobre a indústria e o processo de industrialização em Minas Gerais focaram a importância da indústria extrativa, principalmente os ramos siderúrgicos e metalúrgicos para a formação industrial da região, entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Apesar de sua importância, a indústria extrativa representava 41,5% do valor da produção industrial do estado de Minas Gerais em 1937. A indústria extrativa foi importante principalmente nas zonas fisiográficas do Centro (55,2% do valor da produção industrial da região), Norte (57,3%), Nordeste (65,7%), Leste (58,9%) e Noroeste (83,4%) do estado (IBGE/DEE-MG, 1939, p. 301-305).

A indústria de transformação (manufatureira e fabril) foi responsável por 58,5% do valor da produção industrial do estado de Minas Gerais em 1937. Essa indústria apesar de representar a maior parte da produção industrial do estado foi pouco estudada nos trabalhos que trataram do tema. A indústria de transformação (manufatureira e fabril) foi importante principalmente para as zonas fisiográficas do Sul (73,3% do valor da produção industrial da região), Oeste (70,5%), da Mata (68,3%) e Triângulo (67,4%) (IBGE/DEE-MG, 1939, p. 301-305).

A região Sul representava a terceira posição regional com 17,2% da produção industrial do estado de Minas Gerais, sendo superado pelo Centro com 38,9% e pela zona da Mata com 23,1% em 1937 (IBGE/DEE-MG, 1939, p. 306). Das cinco primeiras regiões industriais de Minas Gerais, apenas a região do Centro, a primeira em termos de produção, não tinha a indústria de transformação como a principal responsável pela produção industrial regional. Apesar disso, a região do Centro do estado foi a maior produtora da indústria de transformação com 29,8%, sendo seguida pela zona da Mata (26,9%) e Sul (21,6%).

Assim, o objetivo deste trabalho é estudar a indústria de transformação em Minas Gerais em seus aspectos regionais, tendo como foco a região do Sul de Minas Gerais entre 1907 e 1937. O trabalho analisará a evolução de empresas da indústria de transformação em um período de formação industrial na região. Pretendemos contribuir com a historiografia econômica sobre a industrialização de Minas Gerais estudando uma parte da indústria geralmente pouco estudada pela literatura e entender a evolução dessa indústria no contexto regional, identificando sua importância para a economia local.

2. A economia mineira no século XIX e início do século XX: as raízes econômicas do Sul

Segundo Celso Furtado (2000, p.89), a economia mineira perdeu vitalidade após a queda da mineração no final do século XVIII resultando em uma economia de subsistência. Pela análise clássica da historiografia, a economia mineira no início do século XIX desenvolveu uma agricultura que tinha como finalidade a produção para consumo local (PRADO JR, 2000, p.162).

Há indicação de diversificação da economia mineira na primeira metade do século XIX. Uma parte da produção mineira foi responsável pelo abastecimento da corte do Rio de Janeiro, atendendo assim não apenas a uma demanda local, mas a um comércio entre províncias.

Alcir Lenharo (1979) estudou o setor de abastecimento, ou seja, a produção mercantil de subsistência do Sul de Minas e suas rotas terrestres de distribuição, nas áreas interioranas produtoras de gêneros de primeira necessidade para o mercado carioca entre 1808 e 1842. Segundo Lenharo, a corte tinha três fontes de abastecimento: a) a externa (Lisboa, Porto e o rio da Prata), b) interna, de cabotagem (Rio Grande do Sul, Santa Catarina e áreas próximas à Corte, como Campos e Parati) e c) interna, de rota terrestre (capitanias de Minas e São Paulo e centros produtores de Goiás e Mato Grosso). Da fonte externa provinham o sal, vinho, azeite, azeitonas, sardinhas, bacalhau, vinagre, trigo, farinha de trigo, carnes salgadas, toucinhos e sebo. Da fonte interna, de cabotagem vinham carnes salgadas, couros, trigo e peixe, milho, feijão, arroz, trigo, cebola e farinha de mandioca e outros. Da fonte interna terrestre, onde o Sul de Minas era o principal centro abastecedor, vinham o gado, porcos, galinhas, carneiros, toucinhos, queijos e cereais.

A expansão do mercado carioca após 1808 e as crises de abastecimento levaram à necessidade de incentivar a produção de gêneros de primeira necessidade. Segundo Lenharo (1979) a economia de subsistência não pode ser vista como complementar à economia de exportação, onde a expansão das exportações é o que determina o crescimento do setor de subsistência. Há a necessidade de um novo corpo conceitual para explicar o caráter mercantil da economia de subsistência voltada para o mercado interno.

A organização do abastecimento terrestre era diferente do externo e do interno por cabotagem, subsidiárias das grandes casas importadoras e exportadoras do Rio. O

abastecimento por vias internas era um setor recente onde a organização distributiva era vinculada às propriedades interioranas ou firmas de tropas independentes das grandes casas de comércio do Rio. As famílias proprietárias de terra do Sul de Minas comercializavam sua produção por tropas e por casas de comércio urbanas não dependendo das casas importadoras e exportadoras do Rio.

A economia de subsistência no Sul de Minas voltada para o abastecimento interno tinha características específicas, com grandes propriedades escravistas. Sua origem está abastecimento das Gerais no século XVIII. No século XIX apenas houve um direcionamento do excedente de sua produção para o mercado do Rio de Janeiro. Essas propriedades eram fazendas intermediárias que “especializavam-se na busca do excedente regional para revendê-lo nos mercados consumidores” (LENHARO, 1979, p.37).

Outros autores também criticaram a tese clássica de que a economia mineira havia tornado-se uma economia de subsistência após o auge da mineração. Roberto Martins (1980) relatou uma economia dinâmica na Província mineira no século XIX, concentrando o maior número de escravos do país. Essa grande demanda de escravos, que segundo Martins era suprida por importações, resultou das atividades agrícolas ligadas ao auto-consumo, sendo que a produção excedente tinha como destino mercados locais. Apenas algumas áreas destinavam sua produção de alimentos básicos, laticínios, carnes e produtos suínos para o mercado externo, principalmente Rio de Janeiro, mas esse fluxo de produtos era residual (MARTINS, 1980, p.36-37).

As atividades das fazendas mineiras, sítios, roças de subsistência e fazendas de gado, com exceção do setor cafeeiro da zona da Mata, tinham características contrárias à economia de *plantation* exportadora. A produção nessas unidades era auto-suficiente, pouco integrada com mercados importantes, com tecnologia primitiva e diversificada para o consumo local. Segundo Martins (1980, p.39) o caráter principal da economia mineira, no século XIX, era não exportador, sendo que a região cafeeira, da Mata, não impactou no ambiente econômico do resto da província, os Campos.

No período do Império a produção de café em Minas era realizada em uma parte da zona da Mata, mas nem todos os municípios dessa região eram cafeeiros. A região Sul de Minas não foi uma importante área cafeeira durante o Império. Foi apenas no período Republicano que a região Sul de Minas iniciou o cultivo de café em grande escala, depois da conexão por ferrovia através da Mogiana com o porto de Santos. Para

Minas como um todo, no final do período Republicano era exportado três vezes mais café do que no final do Império (MARTINS, 1980, p.17-18).

Em segundo plano havia uma produção manufatureira para o atendimento do mercado local mineiro. A produção manufatureira consistia de forjas de ferro para produzir substitutos para ferramentas na mineração e agricultura e uma importante indústria têxtil que produzia “bastante para suprir a massa da população mineira e exportar para outras províncias” (MARTINS, 1980, p.38).

As conclusões de Martins (1980) sobre a economia mineira no século XIX podem ser resumidas no fato de que “a razão de ser da economia mineira era a própria Minas” (MARTINS, 1980, p.43). Na maioria das áreas geográficas de Minas, a base econômica tinha como objetivo o cultivo de produtos agrícolas comuns e pecuários para o consumo local e venda para cidades próximas. Também para o mercado local produzia-se manufaturas em pequena escala. A produção orientada para mercados fora da província era exceção e não a regra (MARTINS, 1980, p.40-41).

Robert Slenes (1988) questionou as conclusões de Martins (1980) de que a expansão da escravidão em Minas no século XIX não tinha ligação com a economia de exportação. Para Slenes, a economia cafeeira foi o centro dinâmico da economia mineira e a produção de Minas para o mercado externo criou “forte demanda dentro da província por mantimentos, bens de consumo e matérias primas utilizadas pelo setor exportador e pelas atividades internas ligadas a esse setor” (SLENES, 1988, p. 480-481). Segundo Slenes (1988) a expansão da economia mineira no século XIX foi resultado do complexo de *plantation*. Esse complexo econômico gerou demanda para o mercado interno da província.

Ao explicar a composição do território mineiro entre o final do século XIX e início do século XX, John Wirth (1982) descreveu-a como “o mosaico mineiro” dividida em sete zonas, que refletiam as diferenças entre as unidades do território brasileiro e ao mesmo tempo refletiam o desenvolvimento desarticulado e descontínuo de cada região. A região Oeste, Sudoeste, Triângulo e Sul de Minas tinham ligação econômica e cultural com o interior de São Paulo. O Norte de Minas tinham ligação com a Bahia. A zona da Mata está atrelada ao Rio de Janeiro. O Centro de Minas reproduz a cultura peculiar mineira, influenciadas pelas outras regiões. Segundo Wirth (1982) existia uma ligação econômica das regiões mais desenvolvidas (Mata, Sul,

Triângulo) com a economia do Rio e de São Paulo e as menos desenvolvidas (Norte e Oeste) com a Bahia (WIRTH, 1982, p.41-42).

Para Wirth (1982) o desenvolvimento das regiões da Mata e do Sul foi resultado do crescimento da produção de café no século XIX. Do final do século XIX até 1920 as regiões da Mata e do Sul foram as que mais cresceram em importância econômica e política. A partir de 1900 as áreas de plantação de café mudaram para a produção de “laticínios, fumo, alguma cana-de-açúcar, isso sem contar com a agricultura de subsistência conhecida em todo o estado” e para suprir os mercados de São Paulo e Rio de Janeiro com cereais, manteiga, leite, queijo e produtos avícolas. A estrutura de produção agrícola no Sul, Mata e Oeste de Minas era de pequenas fazendas e a pecuária foi a segunda atividade mais importante da economia (WIRTH, 1982, p.45-46). Com relação aos trabalhadores, dá-se pouca importância para os estrangeiros na formação do mercado de trabalho mineiro entre o final do século XIX e início do século XX. Entretanto, nas pequenas cidades do Sul de Minas, principal região de imigração italiana no final do século XIX, os trabalhadores estrangeiros rurais mudaram para atividade profissional e comercial para fornecer serviços urbanos (WIRTH, 1982, p.53).

Minas Gerais não apresentava uma economia integrada, ou seja, em termos econômicos o território mineiro apresentava-se também como um mosaico entre o final do século XIX e início do século XX. Esse desequilíbrio econômico interno refletia em perspectiva nacional onde o estado mineiro tinha a finalidade de enviar matérias-primas a baixos preços e importar bens manufaturados de altos preços do Rio e de São Paulo. O Sul de Minas ligava-se em grande parte ao mercado paulista por meio de boa comunicação, com estradas e ferrovias. A produção de café do Sul de Minas era exportada através do porto de Santos e da zona da Mata pelo Rio (WIRTH, 1982, p.77, 82).

Clotilde Paiva e Marcelo Godoy (2001) descreveram Minas Gerais no século XIX com um “território de contrastes”, onde cada região apresentava características próprias. As especificidades econômicas regionais eram resultado da “conjunção de múltiplos aspectos geográficos” (PAIVA & GODOY, 2001, p. 487-488). Assim, Minas apresentava especialização das atividades locais e divisão regional do trabalho no século XIX. Havia complexas articulações regionais fomentadas pelo setor exportador por uma rede de fluxos comerciais, com elevada participação na comercialização do próprio produtor. Entretanto, apesar da importância do mercado externo para caracterizar as

especificidades regionais, a demanda do mercado interno também foi importante para a determinação do “território de contrastes”.

Segundo Paiva & Godoy (2001) a realidade da economia mineira não pode ser apresentada por meio da introversão econômica, com a produção para o mercado interno, com fraco vínculo com o mercado exterior à Província, como fez Martins (1982); ou por meio da extroversão econômica, onde o setor exportador é o responsável pelo crescimento econômico, como fez Slenes (1988), mas a economia mineira deve ser apresentada como complexa, pois apresenta padrão econômico “introvertido e extrovertido ao mesmo tempo. Plural, independente e elástico” (PAIVA & GODOY, 2001, p.512).

Otávio Soares Dulci (1999) identificou as origens do desenvolvimentismo mineiro em duas perspectivas da economia mineira e seu contexto nacional. A primeira era uma economia baseada na diversificação, com a agropecuária como base da indústria. A segunda era uma economia de produção especializada, baseada na indústria de bens intermediários. A ideia do desenvolvimentismo mineiro era superar o atraso econômico de Minas entre o final do século XIX e início do século XX, ou a “perda de substância econômica”, atraso esse relativo ao passado minerador colonial e a crescente modernização de São Paulo (DULCI, 1999, p. 37-43).

O projeto de diversificação econômica de Minas Gerais tinha como objetivo a divisão inter-regional do trabalho, baseando-se em gêneros de consumo interno, passando para as indústrias simples até atingir as mais complexas. O principal foco desse projeto era a modernização agrícola, mas dando destaque para a produção de café e pecuária (produção de rebanhos e laticínios), além de indústrias tradicionais. O projeto de desenvolvimento via especialização tinha como objetivo o crescimento econômico baseado na grande indústria, com concentração de ramos industriais dinâmicos resultando em especialização industrial. A origem desse modelo de desenvolvimento está na defesa das reservas minerais de Minas Gerais que tinham como forma de ação incentivar a industrialização do minério, inibindo sua exportação sem processamento. Em um primeiro momento, a siderurgia fazia parte de um projeto de desenvolvimento diversificado, etapa mais moderna do desenvolvimento baseado na agricultura e indústria tradicional. Entretanto, a industrialização passará a ser sinônimo de desenvolvimento, Minas Gerais focará na especialização da produção de bens

intermediários, produtos siderúrgicos, abandonando assim o desenvolvimento diversificado (DULCI, 1999, p. 43-58).

Após expor as principais características da formação econômica de Minas Gerais no século XIX e início do século XX, focando as características econômicas do Sul, a próxima seção atentará para as principais características da indústria mineira entre o final do século XIX e início do século XX.

3. A indústria mineira no final do século XIX e início do século XX

Segundo Ricardo Zimbrão Affonso de Paula (2002) a origem da indústria de Minas Gerais está no século XIX, concentrando-se na região central da Província, principalmente nos setores de mineração aurífera, siderurgia e têxtil. As principais características dessa indústria eram baixa tecnologia, com operação rudimentar. Essa indústria originária de Minas Gerais nasceu inserida em um regime escravista, onde o escravo fornecia mão-de-obra, assim como seria o consumidor, principalmente da indústria têxtil. Com a abolição da escravidão e a chegada da ferrovia essa indústria perdeu sua fonte de crescimento. A partir do final do século XIX, a acumulação de capital no setor cafeeiro na zona da Mata, principalmente em Juiz de Fora, resultará em um surto de industrialização na região até 1930. A partir de 1930 a industrialização de Minas Gerais se adapta ao movimento de integração ao mercado nacional, sendo que a indústria anterior que havia se constituído para o mercado regional não conseguiu se desenvolver. Houve desenvolvimento da indústria localizada no centro, na Zona Metalúrgica, que se integrou ao mercado nacional ao se especializar no setor metalúrgico e siderúrgico (AFFONSO DE PAULA, 2002, p.6-11; 14-15).

Wilson Cano (1985) descreveu a estrutura da indústria de Minas Gerais predominando a pequena e média empresa, espalhadas pelas várias pequenas cidades em várias regiões entre o final do século XIX e início do século XX. Essas características da indústria foram resultantes do predomínio da pequena e média propriedade na agricultura comercial e da baixa integração interna das regiões. A manutenção e a sobrevivência dessa estrutura são explicadas pelas dificuldades com os transportes entre as regiões internas de Minas e províncias/estados vizinhos (CANO, 1985, p.59-60).

A indústria de Minas Gerais além de ser de pequeno porte relativamente ao Rio de Janeiro e a São Paulo, também apresentava baixo nível técnico. Essas características

da indústria mineira refletiam na baixa integração da economia mineira em um centro dinâmico no período anterior aos anos 1920 e 1930, sendo que as regiões do estado apresentavam melhor relação econômica com outros estados, particularmente a Zona da Mata com o Rio de Janeiro e as regiões do Triângulo e Sul com São Paulo (DINIZ, 1981, p.107). A indústria mineira apresentava-se dispersa e os principais setores responsáveis pela sua manutenção na estrutura econômica do estado foram os alimentícios (particularmente laticínios e açúcar) e a siderurgia, que cresceu após 1920 (DINIZ, 1981, p.112).

Francisco Iglésias (1982) chamou a atenção para as características da indústria de Minas Gerais entre 1890 e 1930: pequenos estabelecimentos herdados do período da Província, em geral produzindo tecelagens, colchas, cobertores, cerâmicas, chapéus, linhas, cervejas, vinhos, licores, cigarros, materiais para construção, artigos de couro e alimentos. Havia uma grande quantidade de estabelecimentos, mas de pequeno porte, que tinham como finalidade atender ao mercado interno sendo raro o atendimento a mercados distantes. Mesmo a produção de ferro era realizada em pequenas forjas em fazendas.

Segundo Cano (1985) a explicação para a caracterização da persistência de indústrias pequenas cujo objetivo era o atendimento ao mercado local ou regional foi a descentralização regional da indústria brasileira até o final do século XIX. O principal motivo para a baixa integração do mercado foi os altos custos dos transportes, que protegiam naturalmente a indústria de determinadas regiões. Assim, isso fez com que “até 1929, as indústrias mais expressivas de cada região pudessem existir sem maior competição” (CANO, 1985, p. 64).

A descentralização regional da indústria é explicada pela não integração do mercado até 1929, que favorecia a abertura de firmas de especificidade regional. Em algumas regiões surgiram estruturas industriais locais diversificadas, devido ao elevado custo de transportes no período. Outra característica que influenciou a descentralização regional da indústria foi a dinâmica regional e a concentração da propriedade. Dependendo do tipo de estrutura de propriedade da região refletiria no tipo de indústria. Uma concentração de terras levaria a implantação de indústrias de grandes dimensões para atendimento da demanda regional ou até nacional. A baixa concentração de terras levaria a formação de indústrias de tamanho médio e pequeno para atendimento ao mercado local. Assim, “em Minas Gerais, dada a predominância da pequena e média

propriedade e dada sua específica interiorização, também predominaria a pequena e média indústria, dispersa por toda a região” (CANO, 1985, p.66).

Em 1907 a indústria do estado de Minas Gerais representava 4,4% da produção industrial brasileira, sendo o sétimo estado em termos de produção industrial. Minas Gerais ficava atrás do Distrito Federal (30,2% da produção industrial do país), São Paulo (15,9%), Rio Grande do Sul (13,4%), Rio de Janeiro (7,5%), Pernambuco (7,4%), Paraná (4,5%) (IBGE, 1986, p.265).

Em 1939 a indústria mineira apresentava 6,5% da produção industrial brasileira, ficando atrás de São Paulo (45%), Rio de Janeiro (17%) e Rio Grande do Sul (9,8) (DINIZ, 1981, p. 112). Assim, ao contrário das interpretações clássicas sobre o atraso industrial mineiro, Minas Gerais ganhou participação relativa entre os estados mais industrializados entre 1907 e 1939.

Nos anos 1920 e principalmente nos anos 1930 houve uma mudança na dinâmica econômica do país. A economia paulista direciona sua dinâmica do mercado externo para o mercado interno. Portanto, “[...] em que pese esse enorme avanço paulista, a periferia nacional continuaria a crescer. A maioria, entretanto, a ritmo moderado. Minas Gerais ampliava sua integração com suas exportações de gêneros alimentícios e gado vivo para o mercado interno e, principalmente, de seus produtos metalúrgicos primários. Com isto, foi quem mais cresceu, depois de São Paulo.” (CANO, 1985, p.70).

Segundo Paul Singer (1968), o desenvolvimento de algumas regiões em Minas Gerais no início do século XX é explicado pela integração da economia mineira com o mercado urbano do Rio de Janeiro e São Paulo. O sudoeste de Minas (Triângulo e Alto Paranaíba) e o Sul, produzindo laticínios, integraram-se a economia paulista (SINGER, 1968, p.232).

A integração da economia de São Paulo e Minas Gerais entre 1919 e 1939 parece ser exceção a regra, ou seja, “apenas Minas Gerais pôde, graças à sua maior integração com a economia paulista, acompanhar de perto o crescimento de São Paulo. Foi o único estado – exclusive São Paulo – que aumentou sua participação na produção industrial brasileira passando, no mesmo período, de 4,4% para 6,6%” (CANO, 1985, p.71). Assim, entre 1919 e 1939 houve uma grande expansão da indústria em Minas Gerais. A taxa média anual de crescimento real da indústria mineira neste período foi de

7,5%, a maior do país, acima da média paulista de 7% anual no mesmo período e da média do país de 5,7% (CANO, 1985, p.85).

A Tabela 1 apresenta a participação relativa da produção das principais regiões industriais de Minas Gerais entre 1907 e 1937. Entre 1907 e 1937 a região que mais perdeu participação relativa foi a Zona da Mata mineira que de 44,9% da produção industrial em 1907 representou 23,1% em 1937, passando de primeira região industrial para segunda no período. A região do Centro passou de 32,8% em 1907, segunda região industrial no período para 39%, primeira região industrial em 1937.

Tabela 1 - Produção industrial nas principais regiões de Minas Gerais, 1907 - 1937

Regiões	Produção 1907 (contos)	%	Produção 1937 (contos)	%
Mata	14.483	44,9	370.135	23,1
Centro	10.564	32,8	624.521	39,0
Sul	3.283	10,2	275.963	17,2
Oeste	919	2,8	130.843	8,2
Triângulo	268	0,8	113.917	7,1
Minas Gerais	32.246	100,0	1.602.426	100,0

Fonte: DINIZ, 1981, p. 109-111; IBGE/DEE-MG, 1939, p.306.

A região que mais ganhou participação relativa na produção industrial do estado de Minas Gerais entre 1907 e 1937 foi o Sul, apesar de continuar como a terceira região industrial. Em 1907 o Sul representava 10,2% da produção industrial do estado passando a representar 17,2% em 1937.

Esse crescimento agregado da produção industrial da região Sul de Minas não é revelada pela evolução dos principais municípios industrializados no período.

Tabela 2 - Municípios mais industrializados de Minas Gerais, 1907

Município	Região	Valor da Produção (contos)
Juiz de Fora	Mata	8.341
Sete Lagoas	Metalúrgica	2.514
Belo Horizonte	Metalúrgica	1.469
Palmira	Mata	1.100
Prados	Metalúrgica	1.044
Ouro Preto	Metalúrgica	750
São João Nepomuceno	Mata	744
Ponte Nova	Mata	643
Cataguazes	Mata	632
Baependi	Sul	582

Fonte: DINIZ, 1981, p.109-111.

Pela Tabela 2 notamos que em 1907 o município de Baependi era o mais industrializado do Sul de Minas, sendo o décimo município do estado. Em 1907, dos dez municípios mais industrializados, cinco pertenciam a Zona da Mata (inclusive o maior, Juiz de Fora) e quatro a Zona Metalúrgica, no centro do estado.

Tabela 3 - Municípios mais industrializados de Minas Gerais, 1920

Município	Região	Valor da Produção (contos)
Juiz de Fora	Mata	33.000
Conselheiro Lafaiete	Metalúrgica	19.000
Belo Horizonte	Metalúrgica	18.000
Nova Lima	Metalúrgica	16.000
Santos Dumont	Mata	13.000
Ouro Preto	Metalúrgica	8.000
Oliveira	Oeste	7.000
São João Nepomuceno	Mata	5.000
Itajubá	Sul	5.000
Ponte Nova	Mata	5.000

Fonte: SINGER, 1968, p.236.

A Tabela 3 revela os municípios mais industrializados do estado de Minas Gerais em 1920 e nesse ano o maior da região Sul de Minas foi Itajubá, o nono do estado. Nesse período a Zona da Mata apresentava quatro municípios entre os dez maiores em produção industrial (novamente Juiz de Fora sendo o maior) e a Zona Metalúrgica o mesmo número de municípios.

Tabela 4 - Municípios mais industrializados de Minas Gerais, 1937

Município	Região	Valor da Produção (contos)
Belo Horizonte	Metalúrgica	115.192
Juiz de Fora	Mata	111.238
Nova Lima	Metalúrgica	83.195
Sabará	Metalúrgica	75.565
Conselheiro Lafaiete	Metalúrgica	58.691
São João Del Rei	Metalúrgica	26.723
Barbacena	Metalúrgica	23.398
Uberaba	Triângulo	22.631
Caeté	Metalúrgica	19.138
Uberlândia	Triângulo	18.626

Fonte: IBGE/DEE-MG, 1939, p.259-300.

Em 1937 a região do Sul de Minas, apesar de apresentar o maior crescimento relativo de produção industrial agregada, não apresentava nenhum município entre os dez mais industrializados do estado (ver Tabela 4). Apesar do crescimento relativo

agregado, em termos de produção industrial individual, os municípios do Sul de Minas perderam importância, ficando a distribuição da produção industrial mais homogênea entre os municípios em 1937 do que em 1907.

As indicações apresentadas acima revelam a importância de um estudo mais específico da região do Sul de Minas Gerais entre 1907 e 1937. A próxima seção apresenta as principais fontes e metodologias do estudo apresentado aqui. A seção 5 é a contribuição empírica para a industrialização de Minas Gerais, focando o desenvolvimento industrial da região Sul.

4. Fontes e Metodologia

As fontes utilizadas nesta pesquisa foram os documentos “O Brasil: suas riquezas naturais e suas indústrias”, elaborado pelo Centro Industrial do Brasil em 1907 e publicado em 1909 e o “Anuário Industrial do Estado de Minas Gerais de 1937”, elaborado pelo Departamento Estadual de Estatística de Minas Gerais³. A utilização dessas fontes na pesquisa foi motivada pela apresentação da relação nominal de empresas, com informações sobre o capital, operários e força motriz, além do setor de atuação. Os Censos Industriais de 1920 e 1940 não publicaram a relação de empresas. Foram elaborados dois bancos de dados de empresas industriais de Minas Gerais, um de 1907 (com 531 empresas) e outro de 1937 (com 8.964 empresas) para todo o estado⁴. Após a elaboração dos bancos de dados originais das fontes primárias foi feita uma classificação por regiões (Centro, Norte, Nordeste, Leste, Mata, Sul, Oeste, Triângulo e Noroeste), municípios, onde concentramos na utilização dos dados da região Sul de Minas Gerais, tema desse artigo. A classificação por regiões seguiu as regiões apresentadas no Anuário Industrial do Estado de Minas Gerais de 1937. As principais conclusões da próxima seção foram retiradas desses bancos de dados.

5. A indústria de transformação no Sul de Minas Gerais, 1907-1937

A indústria na região Sul de Minas no final da década de 1930 apresentava uma distribuição de produção por município interessante (ver Figura 1). Os municípios mais

³ As fontes têm limitações, principalmente a de 1907 onde foram coletadas informações de empresas maiores e em maiores centros. Apesar dessas limitações, essas fontes são as únicas que arrolam nominalmente as empresas. A forma de utilização da análise levou em conta essas limitações.

⁴ Esses bancos de dados podem ser solicitados aos autores.

industrializados do Sul de Minas Gerais em 1937 foram fundados no período da Colônia e do Império (antes de 1889), revelando que as cidades com maior desenvolvimento industrial em 1937 eram cidades mais antigas. As seis cidades com maior produção industrial em 1937 foram fundadas entre 1819 e 1882: Itajubá (1819), Pouso Alegre (1848), Aiuruoca (1834), Varginha (1882), Passos (1858) e Baependi (1856).

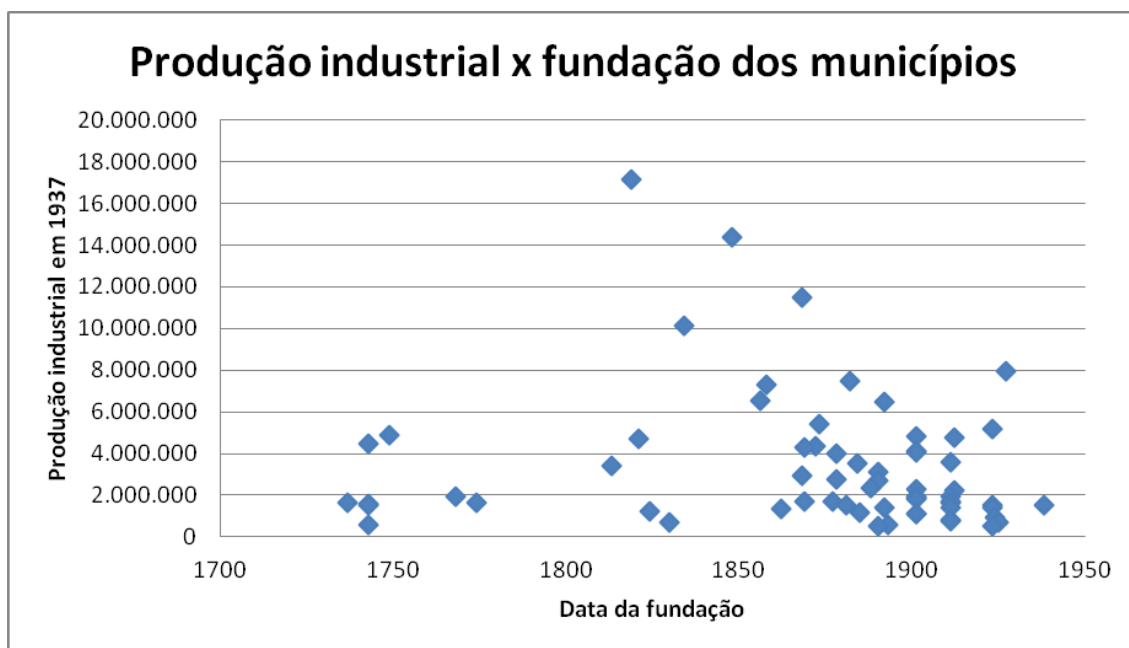


Figura 1 – Relação entre a produção industrial em 1937 e a data de fundação das cidades do Sul de Minas Gerais, em mil réis e anos

FONTE: IBGE/DEE-MG, 1939.

A partir do período Republicano foram fundados vários municípios na região Sul de Minas, mas em sua maioria esses municípios fundados a partir de 1889 apresentavam produção industrial mediana ou pequena em 1937 (ver Figura 1). Assim, o desenvolvimento industrial do Sul de Minas no final da década de 1930 foi liderado por cidades fundadas há mais de 55 anos, ao contrário do movimento geral do estado, que foi liderado por municípios mais novos, como Belo Horizonte (fundada em 1897) e Nova Lima (1891).

A Tabela 5 apresenta o valor real de produção industrial nas principais cidades do Sul de Minas Gerais entre 1907-1937, com a taxa média de crescimento anual.

Tabela 5 - Valor real da produção industrial (a preços de 1937) e taxa de crescimento (%) das principais cidades do Sul de Minas Gerais, 1907-1937

Cidades	Produção industrial 1907 (contos de 1937)	Produção Industrial 1937 (contos de 1937)	Taxa média anual crescimento %
Itajubá	418	17.178	20,4
Pouso Alegre	503	14.380	18,2
Aiuruoca	584	10.130	15,3
Varginha	118	7.471	23,1
Passos	211	7.310	19,4
Baependi	1.558	6.540	7,4
Santa Rita do Sapucaí	220	6.485	18,4
Ouro Fino	498	4.882	12,1
Caxambú	137	4.830	19,5
S. Sebastião do Paraíso	99	4.713	21,3
S. Gonçalo do Sapucaí	525	4.443	11,3
Poços de Caldas	11	4.372	35,1
Alfenas	158	4.303	18,0
Lambari	503	4.106	11,1
Guaranésia	13	4.059	33,1
Três Corações	96	3.513	19,7
Pouso Alto	78	2.759	19,5
Passa Quatro	86	2.372	18,1
Três Pontas	193	1.964	12,3
Campos Gerais	51	1.853	19,7
Carmo do Rio Claro	696	1.719	4,6
Dores da Boa Esperança	460	1.673	6,7
Campanha	32	1.633	21,7
Machado	40	1.500	19,8
Areado	3	710	32,2
Média	292	4.996	18,3

Fonte: IBGE, 1986; IBGE/DEE-MG, 1939.

Nota: Os valores da produção industrial de 1907 foram transformados a preços de 1937 pelo índice de produção industrial de MALAN, 1977, p. 512.

Pela tabela é possível perceber o rápido crescimento (em média de 18,3% ao ano) da produção industrial das cidades do Sul de Minas entre 1907 e 1937. Para uma grande parte dessas cidades esse elevado crescimento é decorrente de uma produção industrial baixa em 1907, ou seja, de um padrão de produção industrial muito baixo no ano inicial da análise, como é o caso de Poços de Caldas, Guaranésia e Areado, as cidades que tiveram maior taxa de crescimento anual da produção industrial no período. Outras cidades como Itajubá, Pouso Alegre, Varginha, Passos e Santa Rita do Sapucaí

tiveram expressivas taxas de crescimento da produção industrial e possuíam uma produção industrial significativa para a região em 1907. Algumas dessas cidades foram grandes produtoras de café, o que revela que a dinâmica do comércio exterior pode ter influenciado no desenvolvimento econômico e industrial da região. Entretanto, apesar do crescimento representativo da produção industrial de algumas cidades, na média, as cidades do Sul de Minas Gerais apresentavam baixa produção industrial individual em 1937. A maior cidade em produção industrial do estado de Minas Gerais em 1937, Belo Horizonte, apresentava produção 6,7 vezes maior do que Itajubá, a maior cidade industrial da região Sul (ver Tabela 5 e 4). Belo Horizonte apresentava produção industrial 23 vezes maior do que a média das cidades do Sul de Minas.

A Tabela 6 apresenta os principais produtos industriais produzidos pelas cidades do Sul de Minas Gerais em 1937, com sua respectiva concentração da produção nos três principais bens produzidos. Duas características são importantes nesses dados. Primeiro, a produção industrial das cidades do Sul de Minas Gerais em 1937 tendeu para bens relacionados às características da produção econômica da região, como por exemplo, a produção de derivados do leite e de produtos agropecuários, como manteigas, queijos, banhas, entre outros. Outra característica é a alta concentração da produção industrial nos três principais produtos. Essa concentração da produção revela relativa especialização da produção manufatureira ligada a produtos de matérias primas agrícolas e pecuárias típicas da região que tinha como finalidade além do atendimento do mercado local das próprias cidades, também o atendimento do mercado regional (outras cidades e até outros estados).

Tabela 6 - Principais produtos industriais produzidos pelas cidades do Sul de Minas, 1937

Cidades	Principais produtos produzidos	% três principais produtos produzidos
Paraguaçu	1)manteiga, 2)telhas e tijolos, 3)lenha	86,8
Campestre	1)manteiga, 2)lenha, 3)queijo minas	86,2
Guaranésia	1)tecidos de algodão, 2)lenha, 3)massas	85,4
S. Lourenço	1)água minerais, 2)manteiga, 3)queijos	85,2
Andrelândia	1)queijo minas, 2)queijo outros, 3)manteiga	83,1
Extrema	1)lenha, 2)telhas e tijolos, 3)banha	82,7
Dores da Boa Esperança	1)cascas, 2)lenha, 3)manteiga	82,1
Aiuruoca	1)queijo minas, 2)queijo outros, 3)lenha	81,9
Baependi	1)queijo minas, 2)queijo outros, 3)lenha	81,4
Santa Catarina	1)madeira, 2)telhas e tijolos, 3)lenha	81,3

Tabela 6 - Principais produtos industriais produzidos pelas cidades do Sul de Minas, 1937

Cidades	Principais produtos produzidos	% três principais produtos produzidos
Caxambu	1)águas minerais, 2)queijos, 3)manteiga	79,7
Eloi Mendes	1)lenha, 2)madeira, 3)manteiga	79,6
Carmo do Rio Claro	1)manteiga, 2)lenha, 3)pães e biscoitos	78,1
Fortaleza	1)lenha, 2)manteiga, 3)madeira	76,7
Ibiraci	1)manteiga, 2)lenha, 3)queijo minas	76,3
Cachoeiras	1)madeira, 2)lenha, 3)manteiga	75,1
Guapé	1)manteiga, 2)lenha, 3)telhas e tijolos	75,1
Botelhos	1)lenha, 2)manteiga, 3)telhas e tijolos	74,7
Três Corações	1)xarque, 2)manteiga, 3)lenha	74,4
Paraisópolis	1)banha, 2)lenha, 3)manteiga	74,1
Santa Quitéria	1)lenha, 2)madeira, 3)areia	74,1
Alfenas	1)manteiga, 2)lenha, 3)queijo minas	73,2
Muzambinho	1)lenha, 2)banha, 3)madeira	73,1
Santa Rita do Sapucaí	1)artefatos de metal, 2)manteiga, 3)queijos	72,7
Virgínia	1)queijos, 2)lenha, 3)madeira	72,7
Jacutinga	1)lenha, 2)queijo minas, 3)madeira	72,6
Cristina	1)lenha, 2)manteiga, 3)pães e biscoitos	71,7
Pouso Alegre	1)banha, 2)manteiga, 3)lenha	71,5
Passa Quatro	1)queijo, 2)lenha, 3)móveis	71,3
Pouso Alto	1)queijo minas, 2)lenha, 3)manteiga	71,2
Monte Santo	1)lenha, 2)madeira, 3)massas	70,9
Nova Rezende	1)madeira, 2)tijolos e telhas, 3)lenha	70,6
Passos	1)manteiga, 2)lenha, 3)cal e calcário	70,6
Cabo Verde	1)lenha, 2)telhas e tijolos, 3)queijo minas	69,2
Gimirim	1)madeira, 2)lenha, 3)telhas e tijolos	68,3
Conceição do Rio Verde	1)lenha, 2)manteiga, 3)pães e biscoitos	67,9
Brasópolis	1)telhas e tijolos, 2)lenha, 3)areia	67,4
Caldas	1)queijo minas, 2)madeira, 3)lenha	66,9
Maria da Fé	1)telhas e tijolos, 2)banha, 3)lenha	66,7
Lambari	1)águas minerais, 2)garrafas, 3)telhas e tijolos	66,5
S. Tomas de Aquino	1)manteiga, 2)telhas e tijolos, 3)lenha	65,7
Silvianópolis	1)lenha, 2)telhas e tijolos, 3)manteiga	65,3
Pedra Branca	1)lenha, 2)pães e biscoitos, 3)queijo minas	65,2
Jacuí	1)lenha, 2)madeira, 3)queijo minas	64,7
Camanducaia	1)madeira, 2)lenha, 3)queijo minas	64,4
Itanhandú	1)queijos outros 2)leite condensado, 3)manteiga	64,1
Varginha	1)manteiga, 2)banha, 3)lenha	63,7

Tabela 6 - Principais produtos industriais produzidos pelas cidades do Sul de Minas, 1937

Cidades	Principais produtos produzidos	% três principais produtos produzidos
Borda da Mata	1)banha, 2)lenha, 3)telhas e tijolos	63,1
Silvestre Ferraz	1)lenha, 2)pães e biscoitos, 3)telhas e tijolos	61,8
Cambuí	1)lenha, 2)manteiga, 3)telhas e tijolos	61,5
S. Gonçalo do Sapucaí	1)ouro, 2)manteiga, 3)queijo minas	61,4
Cássia	1)lenha, 2)pães e biscoitos, 3)queijos	60,7
Arceburgo	1)lenha, 2)móveis, 3)artefatos de ferro	60,4
Andradas	1)madeira, 2)lenha, 3)telhas e tijolos	59,6
Três Pontas	1)lenha, 2)telhas e tijolos, 3)manteiga	58,5
Machado	1)lenha, 2)telhas e tijolos, 3)manteiga	58,1
Ouro Fino	1)calçados, 2)lenha, 3)madeira	57,3
Areado	1)manteiga, 2)lenha, 3)sorvete	54,8
Itajubá	1)tecidos de algodão, 2)lenha, 3)chapéu	54,7
Campos Gerais	1)manteiga, 2)lenha, 3)cal e calcário	53,7
Guaxupé	1)lenha, 2)calçados, 3)solas e peles curtidas	52,3
Poços de Caldas	1)bauxita, 2)pães e biscoitos, 3)doce de leite e frutas	50,4
Cambuquira	1)águas minerais, 2)telhas e tijolos, 3)manteiga	49,8
Campanha	1)massas, 2)lenha, 3)queijo outros	46,8
S. Sebastião do Paraíso	1)madeira, 2)lenha, 3)telhas e tijolos	40,8

Fonte: IBGE/DEE-MG, 1939.

A Tabela 7 apresenta as trinta maiores empresas industrial do Sul de Minas Gerais em 1907. A primeira informação importante da tabela é a baixa quantidade de operários nas maiores empresas industriais do Sul (a maior empresa empregava 16 operários). As maiores empresas do Sul de Minas Gerais em 1907 atuavam no ramo de processamento de derivados do leite (manteiga e queijos), um setor que exigia pequena quantidade de capital e mão de obra. Das 30 maiores empresas industriais vinte e duas atuavam no ramo de manteiga e queijos.

Tabela 7 - Maiores empresas industriais do Sul de Minas Gerais, 1907

Proprietários	Localidade	Capital	Operários	Ramo Industrial
J. Meirelles & Comp.	Baependi	100.000	16	Manteiga e Queijos
Laudito & Monte Raso	Dores de Boa Esperança S. Gonçalo	50.000	13	Fundição e obras sobre metais
Souza Meirelles & C.	de Sapucaí	45.000	9	Manteiga e Queijos
Melwold & C.	Aiuruóca	40.000	7	Manteiga e Queijos
José Guilherme & C.	Mantiqueira	25.000	6	Manteiga e Queijos
Mariano Furtanet & Lourenço	Ouro Fino	20.000	8	Preparo de Couros
Gouvêa Irmãos & C.	Aiuruóca	20.000	8	Manteiga e Queijos
Francisco Guarini	Lambari	20.000	6	Preparo de Couros
João Evangelista Sant'Anna	Carmo Rio Claro	20.000	6	Moagem de cereais
José E. de Sant'Anna	Rio Claro	20.000	6	Manteiga e Queijos
José Evaristo Tavares Paes	Pouso Alegre Carmo do Rio Verde	15.000	6	Manteiga e Queijos
Junqueira & Netto	Rio Verde	15.000	6	Manteiga e Queijos
Pedro Talarico	Baependi Carmo do Rio Claro	10.000	6	Manteiga e Queijos
Alcebiades José Lemos	S. Gonçalo de Sapucaí	10.000	5	Manteiga e Queijos
Dionizio M. Junior & C.	de Sapucaí	10.000	7	Manteiga e Queijos
José Augusto Neves Ferreira	Três Pontas	10.000	8	Manteiga e Queijos
Ernesto Nogueira Azevedo	Baependi	10.000	5	Manteiga e Queijos
Luiz Maciel	Baependi	9.000	5	Manteiga e Queijos
Elisario José Lemos	Passos	8.500	6	Manteiga e Queijos
Vicente F. Rodrigues	Pouso Alegre	8.000	4	Fundição e obras sobre metais
Oliveira & Santiago	Varginha	8.000	4	Fundição e obras sobre metais
Oliveira & Santiago	Varginha	8.000	4	Refinarias de Açúcar
Luiz Maciel	Baependi	8.000	3	Manteiga e Queijos
Ernesto de Azevedo	Baependi	8.000	5	Manteiga e Queijos
Gabriel Archanjo Costa	Areado	8.000	4	Manteiga e Queijos
Emygdio Rezende	Ouro-Fino	7.500	5	Manteiga e Queijos
Joaquim Braz Carvalho	Carmo do Rio Claro	7.000	4	Manteiga e Queijos
Villela	Dores B. Esperança	7.000	5	Manteiga e Queijos
Antonio Oliveira Leite	Esperança	7.000	5	Manteiga e Queijos
Gabriel Oliveira Junqueira	Pouso Alto	7.000	4	Manteiga e Queijos
Carneiro & Brito	Itajubá	6.000	5	Moagem de cereais

Fonte: IBGE, 1986.

Nota: Capital está em mil réis.

A Tabela 8 apresenta as trinta maiores empresas industriais do Sul de Minas Gerais em 1937. Como é possível perceber há muitas empresas processando derivados de leite, mas entre as maiores também há fábricas de tecidos, produtoras de charque, usinas de açúcar, beneficiamento de algodão e panificação. Entretanto, apesar de aparente diversificação da produção industrial entre as maiores empresas do Sul de Minas Gerais em 1937, havia uma grande concentração na produção de produtos derivados de leite e porcos nas cidades, como mostra a Tabela 6.

Tabela 8 - Maiores empresas industriais do Sul de Minas Gerais, 1937

Nome da Firma	Município	Capital (mil réis)	Empregados	Ramo Industrial
Cia. Industrial Sul Mineira	Itajubá	9.402.350	448	Fábrica de Tecidos
Antônio Pacielo	Três Corações	2.500.000	30	Charqueadas
Cia. Fabril Mascarenhas	Alpinópolis	1.885.789	225	Fábrica de Tecidos
Pereira Osório Manad e Cia. Ltda. - Usina Pedrão	Pedra Branca	1.600.000	34	Açúcar de Usinas
M. Silvestrini & Irmãos	S. Lourenço	1.500.000	169	Laticínios - manteiga
Alberto Alves & Cia. - Fábricas de Tecidos				Fábrica de Tecidos
Margarida	Guaranésia	1.343.866	218	Fábrica de Tecidos
J. Bernardino & Filhos - Usina Santa Helena	Conceição do Rio Verde	1.260.000	20	Açúcar de Usinas
A. Faria & Cia. Ltda. - Fábrica de Tecidos Maria Carneiro	Itajubá	1.170.000	204	Fábrica de Tecidos
Cia. Açucareira e Fluvial Passos Ltda. - Usina Passos	Passos	1.124.000	85	Açúcar de Usinas
João Vaz & Cia. Sociedade Refinaria Itajubense Ltda.	Pouso Alegre	800.000	40	Banha e outros produtos porcinos
A. Mendes e Cia. - Usina S. José	Itajubá	604.700	11	Refinação de Açúcar
José	Eloi Mendes	600.000	24	Açúcar de Usinas
Soc. Agrícola Irmão Azevedo - Usina Ariadnópolis	Campos Gerais	552.970	18	Açúcar de Usinas
Salgado Irmão & Cia. José Custódio Dias de Araújo - Usina José Luiz	Varginha	526.829	40	Laticínios - manteiga
	Campestre	500.000	42	Açúcar de Usinas
Cremeria Caxambú Ltda.	Caxambú	418.284	10	Laticínios - queijos
Zaroni & Cia	Maria da Fé	400.000	89	Olarias e cerâmicas
Azarias de Brito Sobrinho - Usina Bôa Vista	Três Pontas	350.000	20	Açúcar de Usinas

Tabela 8 - Maiores empresas industriais do Sul de Minas Gerais, 1937

Nome da Firma	Município	Capital (mil réis)	Empregados	Ramo Industrial
Indústrias Renard Ltda.	Pouso Alegre	319.856	69	Lacticínios - manteiga
Navarro & Irmão	Machado	310.000	15	Fábrica de ferraduras e foices
Gonçalves Sales & Cia.	Passos	280.000	50	Lacticínios - manteiga
João Dias de Carvalho	Caldas	279.000	7	Lacticínios - queijo minas
Leiteira de Caldas Soc. Coop.	Poços de Caldas	273.391	14	Lacticínios - manteiga
Marcondes & Cia.	Paraisópolis	260.000	13	Banha e outros produtos porcinos
Sociedade Algodoeira Machado Ltda.	Machado	250.000	12	Beneficiamento de Algodão
João Diniz Albano de Magalhães Carvalho - Padaria São Lourenço	Muzambinho	250.000	15	Banha e outros produtos porcinos
Alberto Alves & Cia. Cia. Manufatureira Proguesso de Itajubá	S. Lourenço	250.000	11	Panificação
	Guaranésia	230.000	12	Beneficiamento de Algodão
	Itajubá	210.000	38	Chapéus para homens
D. Faria & Cia. Ltda	Itajubá	200.000	15	Banha e outros produtos porcinos

Fonte: IBGE/DEE-MG, 1939.

6. Conclusões

A formação específica do mercado em Minas Gerais, especialmente o Sul mineiro, no século XIX refletiu nas características da formação industrial dessa região no início do século XX, sendo sua principal característica a pequena indústria para o atendimento de um mercado local ou regional (mesmo ultrapassando as fronteiras estaduais).

Havia uma forte ligação da indústria do Sul de Minas Gerais com as atividades agropecuárias dominantes na região. Assim, a explicação para a incipiente indústria no Sul de Minas Gerais no início do século XX pode ser resgatada na determinação econômica da região no século XIX, ligada a uma economia de abastecimento,

geralmente para o atendimento de um mercado local ou regional (mesmo ultrapassando as fronteiras da Província e depois Estado).

Tudo indica que a atividade cafeeira dinamizou o desenvolvimento industrial da região, pois as principais cidades que tiveram altas taxas de crescimento da produção industrial entre 1907 e 1937 eram produtoras de café no período. Entretanto, a comprovação dessa hipótese fica como agenda para pesquisas futuras. Outra questão importante para pesquisas futuras é a identificação da origem dos empresários na indústria manufatureira do Sul de Minas e qual a ligação dessas empresas com o mercado interno e externo.

Referências

- IBGE/DEE-MG. *Anuário Industrial do Estado de Minas Gerais de 1937*. Belo Horizonte, 1939.
- IBGE. *Séries estatísticas retrospectivas. O Brasil, suas riquezas naturais, suas indústrias*. Centro Industrial do Brasil, 1907; 1986.
- AFFONSO DE PAULA, R. Z. “Indústria mineira: origem e desenvolvimento” X *Seminário de Economia Mineira*, Diamantina-MG, 2002.
- CANO, W. *Desequilíbrios regionais e concentração industrial no Brasil, 1930-1970*. Global; Campinas: Ed. da Universidade Estadual de Campinas, 1985.
- DINIZ, C. C. *Estado e Capital Estrangeiro na Industrialização Mineira*. Belo Horizonte: UFMG/PROED, 1981
- DULCI, O. S. *Política e recuperação econômica em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.
- FURTADO, C. *Formação econômica do Brasil*. Rio de Janeiro: PubliFolha, 2000.
- IGLESIAS, F. “Política econômica do estado de Minas Gerais, 1890-1930”. V *Seminário de Estudos Mineiros*. Belo Horizonte: UFMG, 1982.
- LENHARO, A. *As tropas da Moderação - O abastecimento da Corte na formação política do Brasil — 1808-1842*. São Paulo: Edições Símbolo, 1979.
- MARTINS, R. *A economia escravista de Minas Gerais no século XIX*. Belo Horizonte: Cedeplar/UFMG, 1980.
- MALAN, P. *Política econômica externa e industrialização no Brasil, 1939-1952*. Rio de Janeiro. IPEA/INPES, 1977.

PAIVA, C. A.; GODOY, M. M., “Território de Contrastes: Economia e Sociedade das Minas Gerais do século XIX”. *História e educação, homenagem à Maria Yedda Leite Linhares*. Rio de Janeiro: Mauad e Faperj, 2001.

PRADO JR., C. *Formação do Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Publifolha, 2000.

SLENES, R. Os múltiplos de porcos e diamantes: a economia escrava de Minas Gerais no século XIX. *Estudos Econômicos*. São Paulo, v. 18, nº 3, 449-495, 1988.